

O ORIENTADOR EDUCACIONAL E A MEDIAÇÃO FAMÍLIA-ESCOLA- COMUNIDADE NUMA PERSPECTIVA TRANSDISCIPLINAR

Vanderlei Bruschi de Fraga

Resumo

O presente trabalho de investigação pauta-se pela experiência localizada de inserção da figura do(a) Orientador(a) Educacional no sistema de ensino público municipal da cidade de Nova Hartz, no Rio Grande do Sul, Brasil. A referida experiência sobressai na medida em que constitui fato novo dentro deste ambiente escolar e desponta com uma possível mudança de paradigma no que concerne a relação família-escola-comunidade. Desenvolvida numa abordagem qualitativa de cunho sócio-antropológico, a referida pesquisa objetiva desvelar pré-concepções acerca da função do Orientador Educacional através da análise dos relatos da comunidade escolar sobre suas expectativas quanto aos limites da intervenção deste profissional no contexto da escola assim como suas percepções acerca de possíveis transformações que esta inserção possa trazer à comunidade. Por sua vez, o referencial teórico está ancorado em autores cujos estudos se voltam para um perfil de profissional da educação mais participativo e reflexivo sobre a complexidade dos saberes-fazer e das relações que cercam e tecem a comunidade local tais como, Paulo Freire, António Nóvoa, Edgar Morin, Rafael Yus, José Caride, António Petrus e Pérez Serrano, que, numa perspectiva crítica da realidade e transdisciplinar das relações, convidam os Orientadores Educacionais a assumirem um compromisso social-planetário.

No espaço entre os muros da escola os alunos marcam suas presenças através de representações do que vivenciam fora dela e quando se fala em educação pública em um país como o Brasil praticamente saltará a nossa frente uma realidade sofrida, sem recursos mínimos para uma vida digna, onde todos – supostamente - têm o direito à educação de qualidade, alimentação, moradia, saúde, entre outros, mas que uma parcela significativa da população ainda tem dificuldades de ter acesso a estes direitos estabelecidos na Legislação.

Neste contexto o Orientador Educacional está envolvido com aspectos sócio-educacionais mais amplos do que supõe a comunidade escolar, tais como a Pedagogia Social, que ultrapassa o fazer da escola, a disciplina e atividades burocráticas. Tem compromisso com a comunidade escolar para que a mesma não fique isolada e/ou abandonada em seu contexto, mas possibilitar suas relações com o mundo e as mudanças necessárias para uma vida mais digna se estabeleça. Que o homem se perceba integrante do meio e que tenha mais clareza sobre os efeitos deste em sua vida presente e futura. Muitas ações devem ocorrer fora da escola, lá no local onde as pessoas (sobre)vivem e acontece suas histórias. (Fraga, 2008)

Paulo Freire vivenciou e escreveu esta realidade, buscou alternativas práticas e teóricas na expectativa de gerar mudanças neste quadro e foi reconhecido mundialmente, mas estamos longe de atingir a “autonomia” e ainda vivenciamos a “Pedagogia da Indignação e do Oprimido” (Freire, 1987, 1997 e 2000).

Para a realização deste artigo, parti do meu ingresso no município de Nova Hartz, neste ano de 2009, como Orientador Educacional para atuar em uma escola de Ensino Fundamental (1ª a 4ª série) localizada no centro da cidade, no Estado do Rio Grande do Sul, aproximadamente 90 km de Porto Alegre, onde ao iniciar as atividades era chamado a atender uma diversidade de situações disciplinares, burocráticas, administrativas e normativas. Sendo novo na cidade e na instituição, prontamente atendia as demandas que surgiam e ia me relacionando com a comunidade escolar que, em alguns momentos, não demonstrava compreender bem o papel do orientador.

Busquei interagir mais com os alunos, conhecer suas origens e estrutura familiar e social, observar e interagir com os professores vivenciando suas práticas em sala de aula e nos demais espaços da escola, tomando ciência da história dos Orientadores Educacionais no município e, para minha surpresa, veio à tona o fato que em anos anteriores o município possuía apenas um profissional para atender a demanda, ou seja, foi o segundo concurso realizado para atender esta área tão fundamental para o desenvolvimento das escolas onde até então professores contratados para sala de aula é que assumiam este papel.

Tendo claro este quadro, considerei importante investigar o que pais, alunos, professores e funcionários da escola pensavam em relação as funções do Orientador Educacional na instituição a fim de compreender melhor suas expectativas e anseios e, então organizar minha atuação na comunidade de forma democrática e participativa almejando atingir direta e indiretamente os alunos.

Segundo Brunet,

“Ao tentar determinar as causas do comportamento de um indivíduo em situação de trabalho, depressa se constata que a análise baseada exclusivamente em aspectos pessoais se torna caduca e incompleta, sendo necessário alargar a pesquisa ao ambiente de trabalho. São os actores no interior de um sistema que fazem da organização aquilo que ela é. Por isso, é importante compreender os aspectos que influenciam a seu rendimento” (In Nóvoa, 1995:125)

Questionando a comunidade escolar sobre a importância do Orientador na Escola e qual seu papel obtive como resposta de 85% dos 18 entrevistados foi que este realmente é “importante, que acompanha os alunos e professores com problemas”, “faz que as regras e normas sejam cumpridas, fiscaliza e disciplina”.

Tais respostas que atendem muito fragilmente o questionamento e que poderiam até ser colocadas em dúvida pela simplificação nos levaram a supor pouco conhecimento de uma atuação complexa, dinâmica e mais ampla, justificada talvez pela simplicidade e baixo nível de escolaridade da comunidade.

Trabalhar no espaço escolar na atualidade exige uma visão micro e macro do contexto onde se está inserido correspondendo a um pensar-agir-sentir holístico. Questões do tipo: quais as

influências sobre esta comunidade, quais perspectivas de futuro esta população possui, em que níveis encontra-se a auto-estima das famílias e dos educadores, como se estabelecem e mantêm-se as relações entre funcionários, alunos, família e professores, devem permear a pauta do Orientador Educacional.

Deste modo, Rafael Yus compreende que

“A educação holística se desenvolve como um processo sistêmico. As estratégias holísticas não são hierárquicas e fechadas. Estão formuladas para fazer com que os esforços de estudantes e professores sejam produtivos e que seus pontos fracos sejam irrelevantes. Esses processos estão formulados para incentivar o autoconhecimento a autodescoberta, ressaltando a auto-estima e a potencialização individual, e para estimular a imaginação, a simplicidade e a criatividade individual e coletiva” (Yus, 2002:41)

Compreendo que restringir a ação do Orientador a “conversas” com alunos, dinâmicas em reuniões, conversar com pais quando seus filhos estão “atrapalhando” o bom andamento em sala de aula é um olhar muito restrito, poderia dizer até pobre no estágio que se encontra a humanidade.

Hoje falamos de globalização, eco-sistema, trabalho em equipe, sinergia, metacompetência, metadisciplinaridade e compreendemos que vivemos em sistemas interligados o que nos leva a pensar que não basta “criar” uma escola organizada entre muros, com propostas conteudistas. Abraçar nosso aluno como um todo, conviver com ele, com sua família, conhecer a realidade política e as ações sociais disponíveis à eles uma vez que “o que nos faz humanos é que nós interagimos conectivamente e cognitivamente com nós mesmos, com os outros de nossa vida e com a vida de nosso mundo”. (Brandão, 2005:97)

Temos então que somar esforços, conhecimentos e desejos entre os membros da comunidade escolar, desenvolver projetos, buscar recursos, ações coletivas, desenvolver a autonomia social e financeira dos seus e não nos restringirmos a professores encaminhando alunos por questões disciplinares e praticamente exigindo uma postura disciplinar como suspensão ou presença de pais, fazendo de conta que ensinam e os alunos que aprendem.

Brandão afirma “o que torna única a maneira pela qual aprendemos é o fato de que só aprendemos através de um *diálogo* com outra ou outras pessoas.” (98)

Como vemos pelo exposto acima “a figura do orientador travessa a vida do estudante e da escola” (Morin, 2000:52) e esta visão deve ser compartilhada, comum a todos.

“... um professor holístico é que deve demonstrar o mesmo pensamento e a mesma ação holística que eles esperam de seus alunos e colegas. Na ‘organização da aprendizagem’ de Senge, o líder (nesse caso o professor) também deve querer aprender. O líder deve estar disposto a reconhecer e a compartilhar a incerteza, a abraçar o erro, a obter conhecimento de si mesmo. Foi a isso que se chamou a ‘nova competência’ dos líderes...” (Yus, 2002:237)

Com isto quero dizer que um educador amplia seu olhar em sala de aula libertando-se de uma estrutura engessada que busca uma sala de aula “perfeita” onde encontram-se alunos atenciosos, concentrados, obedientes e ansiosos para se deleitarem com o conhecimento do mestre. Deve ter presente a realidade de seu grupo, lembrar-se que também conversou e ainda conversa em sala de aula quando aluno ou em reuniões, que caminha e sai da sala e apesar disto aprende, convive e não compromete sua existência. Que em seu planejamento apontou como importante despertar a criticidade e autonomia no alunos, levá-los a questionar a tudo e a todos como processo de aprendizagem e libertação.

Uma sala de aula deve ser desafiadora, também, para o professor já que

“O conflito não é uma catástrofe inevitável, mas sim a consequência de uma má percepção, uma má comunicação, de processos inconscientes, o resultado de uma frustração, d patologia do dirigente, de uma má técnica de negociação, etc. A visão positiva de conflito diferencia, pois, entre o conflito mesmo e os caminhos adotados para sua solução.” (Serrano, 2002:88)

“O conflito pode ser um desafio e uma possibilidade de crescimento dinâmico quando se sabe abordar o problema que o provoca, tendo em vista a busca de soluções mais justas e equilibradas, utilizando os meios adequados para regulá-lo.” (Serrano, 2002:89)

Somos conscientes que a cada momento são produzidas milhares de novas informações e que jamais as alcançaremos, também somos sabedores que estar na escola não garante uma vida melhor ou um bom trabalho, por que então esquecer o ser humano e insistir tanto na informação e não no conhecimento e no como utilizá-lo?

“2) Incidir em que o conhecimento é necessário, porém não suficiente. Daí que seja também preciso clarificar e ajuizar os valores que suportam a normativa da vida em sociedade. Uma avaliação desta natureza poderá ajudar a tomar as melhores decisões possíveis, em função das alternativas sugeridas ou das que se estabeleçam para a acção transformadora;

3) Insistir que o compromisso pessoal introduz um factor subjectivo e ou emocional no desenvolvimento da competência para a acção. É neste tipo de compromisso que se estabelecem pontes entre o cognitivo e o afetivo, constituindo um importante factor de motivação para a acção social ou para o estabelecimento de vínculos entre cada sujeito e a realidade. O compromisso pessoal face à acção sócio-educativa é também um compromisso político: ‘uma pessoa educada é uma pessoa que se percebe como sujeito político’ (Mogensen, 995:71).” (Caride, 2001:267)

Este olhar apresentado no texto acima não é novidade, já estamos há algumas décadas discutindo e buscando mudanças e nesta perspectiva é que trabalha o Orientador Educacional, apresentando alternativas, ouvindo, discutindo e agindo junto ao seu espaço num desejo de transformação da realidade, não apenas em sala de aula para conforto de alguns, mas de toda comunidade, interagindo e valorizando cada indivíduo dentro e fora da escola.

Meus primeiros passos foram de descoberta, de aproximação, de reconhecimento mutuo para agora, efetivamente, conquistar e ser conquistado cada vez mais pela comunidade escolar.

Ao dialogar sobre minhas propostas, leituras da realidade e escuta dos desejos, impõe-se estar ao lado para conhecer seus problemas e permitir o auto-(re)conhecimento como cidadãos de

direito. Possibilitar a professores, alunos pais, funcionários a interação e trocas, dando as mãos para a construção de um novo estágio de vida.

O primeiro passo a ser dado é o de explicitar a todos o papel do Orientador Educacional e buscar a consciência de que este profissional se pauta pela relação família-escola-comunidade, que busca fazer da escola um lugar onde os alunos sintam prazer de estar, um porto seguro num mundo inseguro e de interação com seu mundo particular.

Referências Bibliográficas

Brandão, Carlos (2005). *A canção das sete cores – educando para a paz*. São Paulo: Contexto.

Brunet (et all) (1995). *Clima de trabalho e eficácia da escola*. In Nóvoa, António. *As organizações escolares em análise*. 2ed. Lisboa: Dom Quixote. Temas de Educação 2.

Caride, José; Meira, Pablo (2001). *Educação ambiental e desenvolvimento humano*. Lisboa: Instituto Peaget.

Fraga, Vanderlei (2008). *O orientador educacional e o contexto da Pedagogia Social*. Porto Alegre: AOERGS - Revista Prospectiva.

Freire, Paulo (1985). *Por uma pedagogia da pergunta*. 3ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____ (1987). *Pedagogia do Oprimido*. 19ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____ (1997). *Pedagogia da autonomia*. 6ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____ (1998). *Extensão ou comunicação?* 9ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____ (1990). *Educação e mudança*. 16ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

_____ (2000). *Pedagogia da indignação – cartas pedagógicas e outros escritos*. São Paulo: UNESP.

Morin, Edgar (2000). *Os Setes Saberes necessários à Educação do Futuro*. 2ed. São Paulo: Cortez.

Serrano, Glória (2002). *Educação em Valores – como educar para a democracia*. 2ed. Porto Alegre: Artemed.

Yus, Rafael (2002). *Educação integral – uma educação holística para o século XXI*. Porto Alegre: Artemed.